

## Bioética, Técnica e Procriação:

### Um discernimento sobre os pressupostos da biomedicina

As ciências biomédicas, aliadas a um sistema de saúde cada vez mais abrangente, conseguiram, sobretudo nos últimos decênios, melhorar muito a qualidade e a duração da vida de inúmeros seres humanos. Mais profundamente, podemos observar como o prestígio deste saber lhe possibilitou influenciar a cultura, de modo que encontramos sem dificuldade, disseminado por entre as metas e as esperanças do progresso biomédico, um ideal de vida humana que sonha superar a morte, evitar totalmente a dor, escapar a todo o contacto contaminador. Uma vida imortal, indolor, asséptica<sup>1</sup>. Não vamos discutir aqui se uma vida com estas características é ainda uma vida humana. Porém, podemos constatar como esta miragem, para lá das suas implicações de ordem filosófica, condiciona muitas escolhas e preocupações, muitas delas insensatas, dos homens e mulheres de hoje. Mais recentemente, o progresso da biologia e da medicina têm sido aplicados também à procriação humana, através de práticas de um relativo sucesso, como é largamente divulgado. E, de novo, nos encontramos perante as implicações de ordem cultural provenientes do avanço técnico. Podemos perguntar: depois do ideal de vida sem morte e sem dor, será que nos encontramos diante de uma nova fronteira em que a humanidade regressa a uma forma primitiva de cispáridade, transmitindo a vida sem o encontro corpo a corpo do

---

<sup>1</sup> Sobre este ponto ver: MOLTSMANN, J. - *Ética e progresso biomédico*. In IDEM - *Futuro della creazione*. Brescia, 1980, p. 145-164.

homem e da mulher? Seremos, no futuro seres que superam o sentimento, a relatividade, a história como sucessão de gerações? Caminhamos para uma humanidade apática, ageneracional, assexual, irrelacional?

Neste trabalho, prosseguimos um duplo objectivo. Por um lado, queremos fazer um ponto desta situação, aludindo aos pressupostos da técnica aplicada à reprodução humana e às suas consequências ao nível cultural e antropológico, sobretudo no que se refere à imagem do matrimónio e da família. Por outro lado, tentamos formular um horizonte que possa dar sentido humano integrador às novas técnicas e de critério para formular um juízo ético sobre elas.

### 1. A técnica e as suas implicações culturais

Algumas pequenas histórias podem-nos ajudar a identificar a problemática. Eis o que conta Jacques Testart, um dos primeiros «pais» do bebé-proveta: «Desde que verifiquei que o embrião tinha mesmo deixado o cateter para se depositar no corpo dela, pronunciei estas palavras com doçura: 'Minha Senhora, você está grávida'. Mais nada foi dito no decorrer desta cerimónia. Ela sorriu, sempre deitada, com os braços cruzados; as suas mãos apertaram com força as dos dois biólogos; a cabeça de René (o Dr. René Frydman, médico) levantava-se de entre as coxas da Senhora (...). Quando esta chegou ao pé do seu marido, alguns minutos mais tarde, disse simplesmente: 'Eu fiz amor com os três'»<sup>2</sup>.

Na sua aparente singeleza, a narrativa dá que pensar. A técnica invadiu a intimidade matrimonial, provocando uma separação entre o amor e a fecundidade. A presença continuada de terceiros, técnicos, mulher portadora da gravidez ou dadores de material fecundante (ovócitos, esperma), põe em estilhaços a unidade do acto procriador. Entretanto, milhares de crianças nasceram mediante o processo heterólogo de ajuda médica à procriação. Nós perguntamos: Que é feito do matrimónio como lugar da transmissão da vida, depois de tanta intromissão de estranhos? Será a cons-

<sup>2</sup> TESTART, J. - *L'oeuf transparent*. Paris, 1986, p. 73. Citado in LUCAS, Ph. - *Dire l'éthique. Éthique biomédicale: le débat*. Arles, 1990, p. 38.

tituição de família e a procriação um dever de todo o adulto ou, pelo contrário, será o direito à criança, seja em que condições for, que tomou conta da nossa mentalidade?

Outra história. Entre o Natal e Ano Novo do ano passado (1993), os mass media deram importância a um estranho acontecimento<sup>3</sup>: duas senhoras, uma de 59 e outra de 61 anos, a primeira inglesa e a segunda italiana, tinham dado à luz uma criança e dois gémeos, respectivamente. Dois casos de maternidade posteriores à menopausa. Ambas tinham sido tratadas pelo conhecido Doutor Antinori, numa clínica da cidade de Roma. No caso da Inglesa, o recurso à clínica romana segue-se a uma recusa do sistema de saúde inglês em proceder a tal tratamento. A reacção negativa da Igreja Romana não se fez esperar e outras autoridades, como o secretário de estado para a saúde de França, declaram que tal prática devia ser proibida pelo Estado. As razões têm a ver com o risco de uma tal maternidade para a saúde da mãe e para a integridade da criança. Por sua vez, o médico argumenta que a idade das pessoas em questão não deve ser impedimento para a expansão do desejo de maternidade. A discussão posterior alargou-se às consequências emotivas de uma tal prática, ao direito das crianças de terem pais numa idade aceitável e não em idade de serem avós.

Nova série de perguntas: a liberdade individual pode ultrapassar aquilo que habitualmente se considera serem as balizas da natureza? Pode-se passar por cima daquilo que parecem ser os limites do corpo? A transmissão da vida corresponde à expansão de um desejo dos progenitores, ou é limitada também pelo bem dos nascituros? Diante destas possibilidades, não podemos imaginar um novo tipo de família, primeiro somente afectiva e emocional, na idade jovem e produtiva das pessoas, e finalmente procriadora numa fase mais anciã e improdutiva? Reparemos que o recurso ao conceito de natureza nos traz uma dificuldade, uma vez que concede aos varões a possibilidade de procriar numa idade avançada. Porque não podemos estendê-lo, de modo semelhante, à mulher?

<sup>3</sup> Este caso é recordado em: ZWART, H. A. E. - *The moral significance of our biological nature*. Ethical Perspectives. 1994, 1 p. 72 s.

Poderíamos ainda alargar os exemplos reais: o caso da Senhora que pretende ser indemnizada por a encomenda do seu filho não respeitar as características acordadas antecipadamente, o caso da filha que põe a mãe em tribunal acusando-a de negligência durante a sua gestação, ou o caso de uma viúva que recorre a tribunal em ordem a garantir a procriação de uma criança mediante a inseminação artificial com sémen do seu defunto marido<sup>4</sup>.

Abrindo um pouco mais o leque da nossa procura, neste breve apanhado das questões de bioética que têm a ver com a família, podemos ainda ver como a questão da transmissão da vida se prolonga pela fase da educação, que é tão ou mais importante do que a simples procriação biológica. Vemos que a família recuou drasticamente na tarefa educativa que no passado lhe pertencia quase em exclusivo. Uma criança dos nossos dias é objecto da educação dos seus progenitores numa margem mínima. Ela passará, na melhor das hipóteses, algumas horas com os seus pais, mas passará três ou quatro vezes mais tempo na escola ou diante da televisão. O que quer dizer que a tarefa de despertar a pessoa para a vida, ou seja, para os valores, para os ideais, não é, numa grande medida, obra dos seus pais mas de outras pessoas.

Ainda aqui aflora ao espírito a interrogação: será que a família está a desempenhar a sua função de transmissão da vida, segundo a integralidade deste conceito? Ou então: porque fazemos tanta questão no aspecto da inconveniência da ajuda médica à reprodução e não o fazemos relativamente à educação, aspecto em que as intervenções de estranhos e de terceiros assumem um nível verdadeiramente desproporcionado? Não será que a família é, de facto, uma realidade em mudança, entendendo-se esta realidade, para além do que é já dizer um lugar-comum?

## 2. Procriação e matrimónio na civilização técnica

Mediante uma breve análise sociológica do que se passa actualmente neste domínio, podemos concluir como a evolução recente da ideia de matrimónio e família tem assimilado algumas

<sup>4</sup>Cf. LUCAS - *Dire l'éthique*, p. 35-37.

características provenientes deste meio ambiente. Por exemplo G. Lipovetsky constata que na nossa sociedade, que ele chama pós-moralista, a família se apresenta com as seguintes características: é consumista, procria os filhos por medida, cultivando o «equilíbrio» voluntário em função do sexo dos filhos e de outras características, à medida que foram possíveis<sup>5</sup>. As possibilidades técnicas aplicadas à procriação transtornaram alguns conceitos multisseculares da mentalidade humana: a filiação, a maternidade, a paternidade. Enquanto que no passado, a autonomia do indivíduo estava subordinada à instituição familiar, hoje inverteu-se, em grande parte, esta ordem de factores. Doravante, na idade individualista, «já não se respeita a família em si, mas (quando muito) a família como instrumento de aperfeiçoamento das pessoas». A constituição de uma família não corresponde a um imperativo ético bem enraizado, mas tornou-se numa «instituição emocional e flexível»<sup>6</sup>. Este estado de coisas deu origem a vários factores: incremento dos divórcios, crise da figura paterna, falta de referências de identificação para os filhos. Poderíamos ainda constatar uma crise demográfica nos países do Hemisfério Norte, ainda que esta não seja grave como chegou a parecer, pois a natalidade tem regressado a valores normais, promovida por incentivos natalistas, tanto às famílias constituídas como aos indivíduos isolados.

Existe outro factor a ter em conta quando se trata de caracterizar as mudanças que estão acontecendo na família actual: é a imagem do pai, associada à imagem da autoridade em geral<sup>7</sup>. A figura sócio-cultural da paternidade sofreu um deslocamento radical. A família do passado assentava no princípio da autoridade, representada pelo Pai de família, colocado no topo de uma rígida hierarquia, debaixo do qual estavam a mãe, os filhos, os criados. De resto, a consolidação dessa posição da figura paterna na família e na sociedade assentava em alguns falsos pressupostos. Entre esses, a identificação da masculinidade com o protagonismo

<sup>5</sup> Referimo-nos à obra de: LIPOVETSKY, G. - *Le crépuscule du devoir. Éthique indolore des nouveaux temps démocratiques*. Paris, 1992, p. 164-177.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 167.

<sup>7</sup> Para esta mudança referente à figura paterna, ver: BOTERO GIRALDO, J. S. - *Comunion y participacion: presupuestos para una nueva imagen de familia*. StMor. 1989, 27, p. 159-178.

exclusivo na comunicação da vida, pois se desconhecia, até ao século passado, o papel activo da mulher na geração das crianças. Podemos ainda enumerar a identificação entre paternidade e autoridade, baseada em duvidosos argumentos biológicos, filosóficos e mesmo teológicos.

Fazendo um ponto da situação e permanecendo num ponto de vista moderado, podemos concordar com Alvin Toffler, o qual, na sua tonalidade profética, anuncia uma «terceira vaga» para a família (após a família patriarcal e a família nuclear) em que «as relações» serão o eixo do funcionamento. Por sua vez, o sociólogo P. Caldeirão Beltrão<sup>8</sup> nota como as numerosas funções institucionais da família do passado (biológicas, económicas, culturais, protecçãois, integrativas) tendem a dar lugar a um novo tipo de família centrado na personalização e na socialização.

### 3. Reprodução ou procriação?

Concentremo-nos sobre a questão específica da procriação medicamente assistida em ordem a descodificar-lhe os interesses profundos, explícitos ou implícitos. Antes de mais a questão da própria terminologia<sup>9</sup>. A palavra usada no contexto da técnica aplicada à vida humana é «reprodução», em vez da expressão tradicional «geração» ou «procriação». O facto é de si mesmo significativo. Seguindo o seu método, a biologia observa como os seres vivos têm como qualidade própria a capacidade de se reproduzirem, quer dizer, de fazerem aparecer novos indivíduos portadores do mesmo código genético. Desde ponto de vista, a reprodução é a repetição de uma mensagem de indivíduo para indivíduo. Os biólogos descrevem o processo reprodutivo dos animais superiores e dos seres humanos que consiste na formação de uma célula originária com duas cadeias de 23 pares de cromossomas, uma proveniente de um óvulo, outra de um espermatozóide. A partir deste esclarecimento, a biologia tomou conta do processo

<sup>8</sup> BELTRÃO, P. C. - *Sociologia della famiglia contemporanea*. Roma, 1968. Cit. in BOTERO GIRALDO - *Comunion*, p. 161.

<sup>9</sup> Cf. RATZINGER, J. - *Theologische Fragen zum Ursprung des menschlichen Lebens*. IKZ Communio. 1989, 18, p. 61-70.

como que assenhoriando-se dele. Mas as perguntas da cultura e da moral persistem: será que a génese de um indivíduo humano é apenas a reduplicação-reprodução de um código genético? Será apenas o aparecimento de um novo indivíduo da espécie, reproduzindo invariavelmente a qualidade da espécie? Ou não será muito mais do que isso, ou seja, a criação de uma pessoa que, além da reprodução da mensagem genética, é a aparição de alguém portador de uma originalidade irreduzível, de um destino único, de um mistério que remonta ao próprio absoluto? Um texto de J. Ratzinger adverte com razão para o perigo de uma confusão lamentável derivada de uma mentalidade dominada pela técnica. O perigo consiste em deixar de dar conta que «o facto biológico da reprodução está envolvido pelo acontecimento da doação de corpo e alma de dois seres humanos»<sup>10</sup>.

Além deste aspecto antropológico, podemos observar como ao desenvolvimento da ciência e da técnica corresponde o aparecimento de outros fenómenos que a moral deve interrogar e discutir. Entre esses, nota-se como a possibilidade de manipular a vida humana nascente faz despertar velhos sonhos adormecidos na memória humana, como seja o sonho do homem ser o criador da sua própria vida e alforriar-se dos constrangimentos da natureza. Esses sonhos estão presentes na sabedoria cabalística, através da figura do Golem, e estão presentes no tema literário do Doutor Fausto.

Nestas figuras, como de resto nos grandes relatos emancipatórios da modernidade (o marxismo incluído), não será o desejo fantasmático de dominar completamente a natureza que se acentuou? Esta ideia está bem figurada plasticamente no «Admirável mundo novo» de A. Huxley ou em séries de ficção científica que a televisão passa todos os dias diante de nós.

H. Jonas ocupou-se deste aspecto com muito interesse em alguns dos seus textos. Referindo-se à história do progresso técnico, nota que numa fase recente, «foi o próprio homem que se acrescentou aos objectos da tecnologia. O *homo faber* está em vias de se voltar sobre si próprio e apresta-se a recriar o criador de tudo

<sup>10</sup> RATZINGER - *Theologische*, p. 62.

o resto. Este culminar do seu poder, que pode muito bem pressagiar o esmagamento do homem, esta imposição final do artifício sobre a natureza, faz apelo aos recursos extremos do pensamento ético que nunca antes tinha sido confrontado com as alternativas facultativas àqueles que eram considerados os termos definitivos da condição humana»<sup>11</sup>. Quer dizer que se assiste a uma neutralização da natureza, em termos de valor, à qual se seguiu um processo semelhante em relação ao próprio homem. Este processo tem o seu húmus na moderna diluição das fronteiras entre «cidade», o espaço humano, e «natureza», o mundo não humano, e implica uma nova maneira de compreender os imperativos éticos<sup>12</sup>. Enquanto que no passado era um dado assente que a moral assentava na certeza da existência de um mundo independente do homem e que garante a subsistência do homem, hoje, na era técnica, a moral estende o seu raio de acção até à decisão pela existência do próprio fundamento, ou seja, a continuação do mundo, tornou-se objecto de obrigação moral. O imperativo categórico da ética ganha, a partir da expansão técnica, uma valência temporal que não podia ter sido tida na sua formulação há dois séculos atrás. Daí que o filósofo preconize a necessidade de uma reflexão ética diferente, que ele chama uma ética de responsabilidade, de uma qualidade nova mesmo em relação à ética da liberdade que foi projectada pela Modernidade. Esta, com efeito, possuía ainda um sustentáculo antropológico, uma crença no valor do estatuto do humano, e na eficácia da democracia representativa, as quais hoje não existem nem bastam.

#### 4. A procriação no âmbito do amor

Qual o contexto antropológico ideal da transmissão da vida humana? A Sagrada Escritura oferece-nos um excelente manancial quando se trata de explicitar a dignidade da transmissão da vida humana. Ao contrário do que pode ser induzido pela técnica moderna, a origem da vida homem é um caso especial de dignidade, no conjunto dos outros seres vivos. O Autor do Génesis põe

<sup>11</sup> JONAS, H. - *Ética, medicina e técnica*. Lisboa, 1994, p. 48.

<sup>12</sup> Vd. *ibidem*, p. 27-61.

isso em evidência quando fala da acção do próprio Deus na modelação do corpo humano, diferentemente de todos os outros seres vivos (Gn 2)<sup>13</sup>. Aquilo que, de forma plástica, é dito na narrativa javista, vem indicado na narrativa sacerdotal com a referência à «imagem e semelhança» (Gn 1, 26). Isto que se diz do casal primigénio é de atribuir à formação de todos os indivíduos. Ou seja, cada ser humano que aparece no mundo não é apenas mais um exemplar da espécie, mas alguém único, irrepetível, que leva em si algo de aparição do absoluto numa figura concreta.

A dignidade deste caminho ultrapassa a simples combinação de informações genéticas complementares, mas é um acontecimento que regista uma particular intervenção de Deus, mediada pelo encontro do homem e da mulher «numa só carne» (Gn 2, 24). Esta última expressão refere-se ao encontro livre e pessoal de um homem e duma mulher. Pode-se dizer que o facto de comunicar a vida mediante o encontro pessoal corresponde ao desenvolvimento da essência humana. A dignidade do processo pelo qual se transmite a vida humana pode ser ainda explicitado fazendo referência ao modo como se exprime o encontro sexual do homem e da mulher, nomeadamente através da conhecida expressão «conhecimento»: «Adão conheceu a sua esposa Eva...» (Gn 4, 1). É assim que a Escritura se refere ao começo das gerações da humanidade. Os comentaristas acentuam que não se trata apenas de um conhecimento intelectual, mas de um conhecimento experiencial e de encontro. A palavra «conhecimento» referida ao encontro sexual do homem e da mulher, escreve K. Westermann, mostra «que aqui não se pensa primeiramente no aspecto fisiológico mas no aspecto pessoal da relação corporal do homem e da mulher»<sup>14</sup>.

Estes textos que a Bíblia refere à origem da humanidade podem ser aplicados ao caso de cada ser humano. Não é somente verdade que cada indivíduo refaz, em certo modo o caminho da

<sup>13</sup> J. Ratzinger aduz a este propósito o comentário de Gregório de Nissa: «Mas o homem, como é que é formado? Deus não disse: 'Haja homem'. A criação do homem está acima de todas as outras. 'O senhor tomou ...'. Ele quer formar o nosso corpo com as suas próprias mãos» (*Homilias sobre o Génesis*, I, 26; PG 44, p. 277 s.).

<sup>14</sup> Cit. in RATZINGER - *Theologische*, p. 69 e ss.

espécie, mas que cada indivíduo repete a experiência originária da espécie. Não se trata de animismo ou de sobrenaturalismo a respeito da ontogénese do homem, mas da procura da dignidade do aparecimento da vida, tendo em conta a grandeza do seu mistério pessoal e não apenas da explicação científica da reprodução. Neste sentido, o encontro amoroso dos progenitores tem uma particular importância neste processo da transmissão da vida.

Temos assim os contornos do contexto que deve acompanhar a transmissão humana e humanizada da vida. Podemos ainda acrescentar-lhe alguns elementos sugestivos de uma reflexão antropológica. Primeiramente, uma reflexão oriunda da comparação entre paixão e amor<sup>15</sup>. Os nossos contemporâneos entendem o matrimónio e a geração de filhos somente no contexto da paixão, incapazes de chegar ao nível do amor, verdadeiro contexto da transmissão da vida, para a maturidade do qual deve evoluir a paixão. Qual é a diferença? Tem vários aspectos. Primeiro, enquanto à comunhão das pessoas, vemos que a paixão é sustentada prioritariamente no aspecto compensatório da pessoa do outro, no prazer que a sua presença dá, e não no querer a pessoa enquanto pessoa. Depois, o laço matrimonial é visto como algo exterior às pessoas e não como um vínculo que vem da Palavra infinita e que nas pessoas humanas se faz palavra dada e palavra recebida. Finalmente, a fecundidade é vista como uma causalidade interesseira por parte dos progenitores e não como um serviço gratuito à vida que ultrapassa infinitamente os sujeitos e como um serviço à pessoa do filho que deve ser posto na vida para si mesmo e não para prolongar possessivamente os progenitores.

Outra observação que fazemos refere-se ao mistério da origem da vida. A transmissão da vida mediante a diaconia do amor humano tem sempre um carácter de gratuidade e de mistério. Poderíamos dizer que se trata de uma anunciação, numa analogia remota com o que aconteceu com a anunciação do nascimento de Jesus a Maria e a José. A vida é sempre inesperada, e vem sempre colmar um desejo humano caracterizado pela disponibilidade. Por

<sup>15</sup> Algumas das ideias expostas neste ponto são devedoras do seguinte trabalho: DOLTO, F. - *L'Évangile au risque de la psychanalyse*. 1º vol. Paris, 1977, p. 17-38.

outro lado, a vida tem sempre algo que transcende as possibilidades humanas e, neste aspecto apresenta-se sempre ao homem sob o aspecto do espanto e das apreensões de José, na Sagrada Família. É em sonho, quer dizer, para além das pulsões voluntaristas que a vida humana aparece no mundo.

A vida é dada pela diaconia do amor também noutra sentido. Ela é proveniente de uma consentimento à palavra, consentimento na vigília como em Maria, aceitação no sono, como em José e movimento dos dois, para salvar a vida indefesa da violência do massacre dos inocentes. O lugar de José neste processo sugere ainda que se distinga entre pai e progenitor. Trata-se, de facto, de duas dimensões diversas da função masculina na transmissão da vida. Nota F. Dolto que para ser progenitor, para transmitir a vida biologicamente, bastam três segundos; por outro lado, ser pai, no sentido pleno da paternidade, a coisa é bem diferente e ocupa a vida toda. A tarefa da paternidade é lograr a coincidência dos dois aspectos. Existe a necessidade de cada varão adoptar o seu filho, depois do nascimento. Por outro lado, a experiência da paternidade é mediada pela palavra da sua esposa. Este é outro ponto que acentua que é no contexto do amor dado e recebido entre os esposos que se realiza verdadeiramente a transmissão da vida. Toda a fecundidade vem da palavra, em último caso da Palavra de Deus. A palavra vem da relação de desejo entre os seres. Todo o ser humano é uma palavra encarnada dos seus progenitores e, em último caso, uma palavra encarnada de Deus, origem e foco absoluto do desejo humano. E. Lévinas fala da fecundidade como um dado ontológico, uma característica do próprio ser, e não somente como algo acessório e voluntarístico.

### Conclusão

É conhecida a advertência severa do Magistério da Igreja Católica com respeito às formas de ajuda médica à procriação humana<sup>16</sup>. Mais do que uma rejeição pura e simples dum processo,

<sup>16</sup> O principal documento sobre o pensamento magisterial sobre este ponto é: CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE - *Istruzione su il rispetto della vita umana*

esta advertência propõe-nos uma rigorosa avaliação dos contextos e das motivações da ciência e da técnica. Se, na verdade, a ciência e a técnica médicas se movem dentro da miragem do domínio sobre a vida, secundando uma nova forma de cultura individualista e solipsista, neste caso coloca-se fora de qualquer sentido ético. Se, por outro lado, a ciência e a técnica se colocam com humildade diante do mistério da vida e prestam um serviço à sua transmissão no contexto do encontro do homem e da mulher enquanto pessoas, então a sua colaboração não pode deixar de ser bem-vinda. Mas terá a biomedicina actual um conhecimento suficientemente crítico sobre os seus pressupostos?

JORGE TELXEIRA DA CUNHA

## O enquadramento jurídico das técnicas ligadas à transmissão da vida \*

### 1. Introdução

O tema que nos ocupa, bem como toda a matéria de regulação jurídica de questões potenciadas pelas Ciências da Vida, por dizerem respeito à comunidade como um todo e a cada um dos indivíduos, revelam uma das zonas em que é mais visível que o Direito assume três características estruturantes:

- é mais permeável, na elaboração das suas hipóteses, a vectores culturais, éticos e religiosos;
- é composto, em larga medida e ainda no processo da sua génese, por princípios suprapositivos imbuídos daquelas referências;
- há-de ser, na composição das suas estatuições, um elemento referenciador de uma dada comunidade social num certo tempo.

O que nos conduz à verificação de duas notas que, mais do que em qualquer outro domínio da ciência jurídica, são, nesta sede, particularmente visíveis. Por um lado, o Direito não pode ser olhado como uma ciência abstracta e asséptica, composta pelas várias estrias de uma teia matemática; bem ao contrário, é produto da História (que ajuda a construir) e, como numa fotografia, é reagente que mostra que os direitos do homem são sempre resposta aos desafios que cada tempo, no seu permanente pulsar,

\* Comunicação apresentada no âmbito do Simpósio «Família e questões de bioética», realizada em 14 e 15 de Outubro de 1994 na Faculdade de Teologia do Porto da Universidade Católica Portuguesa.

*nascente e la dignità della procreazione: Risposte ad alcune questioni di attualità.* Città del Vaticano 1987. Instrução *Donum Vitae*.